

**A construção do espaço agroecológico por comunidades indígenas peri-urbanas
(Manaus - Amazonas)**

The construct of agroecological landscape for indigenous communities around urban center (Manaus – Amazonas)

CARDOSO, Thiago Mota IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas/ Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Núcleo de Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, thiago@ipe.org.br; RAMALHO, Ana Luisa Melgaço Ramalho. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Núcleo de Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais; PY-DANIEL, Victor. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Núcleo de Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais

Resumo: A migração de famílias indígenas para os centros urbanos tornou-se uma constante na Amazônia. Estas pessoas ocupam e constroem os espaços utilizando-se dos saberes e práticas tradicionais associados com formas atualizadas derivadas do contexto urbano. As famílias mantêm a agricultura como forma de territorialização, identidade e produção, integrada dentro de múltiplas unidades produtivas urbanas e peri-urbanas, porém de forma precária e com menos agrobiodiversidade.

Palavras-chave: povos indígenas; peri-urbano; agroecologia

Abstract: The migration of indigenous families for the urban centers became a constant in the Amazon. These people start to occupy and to construct the spaces using traditional knowledge and practices associates to up to date forms derived from the urban context. The families keep agriculture inside as form of process of territory, identity and production, integrated of multiple urban and peri-urban productive units, however of precarious form and low agrobiodiversity.

Key Words: indigenous peoples; urban center; agroecology

Introdução

Há algumas décadas vem ocorrendo uma intensificação da migração de grupos indígenas para o espaço urbano na Amazônia. Estas pessoas passam, muitas vezes, a ocupar e construir os espaços mantendo relações com seus locais de origem, com a floresta e com as atividades urbanas (ELOY, 2007).

Os povos ao de deslocarem ocupam novos lugares gerando processos de construção do espaço físico e simbólico de forma atualizada. É no habitar cotidiano que existe a possibilidade concreta de construção do espaço pelas pessoas e é através dos saberes, das ações e das possibilidades de ações que os lugares se constroem, investido de valor simbólico (INGOLD, 2000).

Os sistemas agroecológicos tradicionais correspondem a estratégias de se construir o espaço e se manejar a floresta na Amazônia (MILLER e NAIR, 2006). Dentre estas estratégias pode se citar a manutenção dos ciclos de pousio das roças, das redes de circulação de plantas e saberes, o uso comum dos recursos e do espaço e a importância simbólica dada a diversidade biológica. As famílias emigrantes continuam

a praticar agricultura, porém as novas condições impostas pelo contexto urbano podem levar a uma forma empobrecida do sistema agrícola tradicional (EMPERAIRE, 2000).

Este trabalho visa tratar da idéia de que, mesmo em situações adversas, como num entorno urbano, os povos indígenas de distintas etnias e origens buscam construir o espaço se valendo de seus saberes ecológicos e das histórias agroecológicas particulares.

Métodos

As 10 famílias da etnia Cocama, oriundas do alto e médio Solimões, há 15 anos, habitam uma área de 8 ha no ramal do Brasileirinho, situado no bairro João Paulo, em Manaus. O Rio Cuieiras é um afluente do Rio Negro e dista cerca de 50 Km de Manaus. Neste local estão sendo estudadas 20 famílias de 4 comunidades (Barreirinhas, Boa Esperança, Nova Esperança e Coanã) onde vivem indígenas das etnias Baré, Pira-Tapuia, Tukano, Karapano e Cubeo, migrados do Alto Rio Negro nos últimos 50 anos. Utiliza-se de abordagens antropológicas e etnoecológicas, com coleta de dados etnográficos e da história oral, além de inventário etnobotânico e mapeamento e caracterização etnoecológica dos espaços.

Resultados e Discussão

As famílias indígenas do *Rio Cuieiras* possuem uma história agroecológica marcada pelos ciclos extrativistas da bacia do Rio Negro. Muitos tiveram uma vida voltada para a extração dos “produtos da mata” intercalada com o trabalho na agricultura, sob uma forte relação de exploração no sistema de aviamento. Na busca por melhores condições, muitas famílias migraram e se estabeleceram no meio urbano ou nos arredores.

Os indígenas ocuparam as margens do Rio Cuieiras principalmente se estabelecendo em paisagens antropogênicas, ou seja, em sítios arqueológicos, terra-preta-de-índio e quintais agroflorestais abandonados, em terras que eram devolutas. O processo de territorialização envolvia a implantação da residência e de um roçado com espécies frutíferas e mandioca (*Manihot esculenta* Crantz). As famílias que não possuíam conhecimentos aprofundados sobre a agricultura, devido a um histórico de extrativismo, preferiram aplicar a força de trabalho na extração madeireira, enquanto que outras “domesticam” a floresta pela implantação dos roçados, tendo como base uma história agroecológica e sólidos saberes tradicionais.

As mulheres detentoras dos saberes sobre agricultura acessam materiais biológicos (plantas, sementes, mudas, manivas) em redes sociais que são tecidas entre parentes, vizinhos e afins. Estima-se, em levantamento preliminar, que se cultiva cerca de 82 espécies em quintais e cerca de 20 nos roçados para diversos fins, com um total de 24 variedades de mandioca. São cultivadas plantas em hortas e canteiros.

O padrão de produção multilocal também é comum: muitas famílias possuem, ao mesmo tempo, uma roça no Rio Cuieiras, da qual se ocupam diariamente e possuem ou desfrutam de uma residência na cidade, por onde vão periodicamente ou enviam os filhos aos estudos, além disto muitas famílias mantêm contatos e visitam parentes do Alto Rio Negro. Portanto, observa-se um *continuum* entre os espaços urbano e florestal e o alto e baixo Rio Negro tanto nas formas de uso e apropriação dos recursos naturais como na organização dos espaços das famílias indígenas, os quais se caracterizam pela alta mobilidade dos indivíduos e pela multilocalidade (ELOY, 2007).

As famílias *Cocama* migraram para a cidade de Manaus na busca por tratamento médico, emprego e melhores condições de vida. Em 1997, chegou no ramal a primeira família *Cocama*, segundo esta família a paisagem era de um “matagal abandonado” e a área era de exploração madeireira. A primeira propriedade adquirida tinha 5 ha. Inicialmente, fizeram 1 ha de roça por meio de derruba e queima e plantaram, juntamente com as manivas de mandioca, espécies frutíferas. Ao longo dos anos novas famílias *Cocama* que viviam na cidade foram morar no Brasileirinho em busca de um lugar para plantar. Hoje algumas propriedades são cercadas, de propriedade das famílias indígenas, e as famílias gerenciam o espaço de forma coletiva, outras propriedades utilizadas são menores e de particulares e, muitas vezes, esta utilização ocorre de forma conflituosa.

Para essas famílias a área de plantio é toda a extensão do terreno da comunidade, seja próximo das casas, no caminho até a roça e em capoeiras. Hoje, a área onde as casas foram construídas, caracteriza-se como um grande quintal agroflorestal com aproximadamente 53 espécies de uso familiar. Onde estão instaladas as benfeitorias, encontram-se os canteiros de plantas medicinais, ornamentais, condimentares, criação de galinha, pato e frutíferas. A roça é mais um elemento que compõe o espaço, e há toda uma transição até essa área. No caminho até a roça há diversas árvores frutíferas, principalmente palmeiras e as principais plantas cultivadas neste espaço são a mandioca (cerca de 6 variedades), a banana (*Musa sp.*) e o abacaxi (*Ananas comosus* (L.) Merrill). As sementes e mudas plantadas são provenientes de vizinhos, de parentes próximos e

distantes (nas terras indígenas), de sítios que possuíam em outra localidade, frutos adquiridos no mercado e em lojas especializadas em material agrícola.

Embora a redução da disponibilidade de terras cultiváveis seja indubitavelmente um fator de desestabilização dos sistemas de cultivo pois impossibilita a manutenção da dinâmica espacial e temporal do ciclo agrícola, principalmente entre os Cocama, as famílias que tiram sua subsistência da exploração dos recursos naturais podem, ao mesmo tempo, obter uma renda na cidade, e eventualmente cultivar outros terrenos. Os moradores das áreas estudadas tendem a multiplicar a aquisição de direitos de uso em vários lugares, a fim de maximizar a utilização de recursos naturais, fontes de renda, e força de trabalho familiar. “As relações de parentesco e de afinidade pré-existentes ou construídas ao longo do deslocamento espacial tornam-se cruciais, estando na base da formação de territorialidades em rede” (ELOY, 2007).

Portanto, a instalação das famílias indígenas na cidade não significa necessariamente uma perda de saberes tradicionais, mas sim uma transformação. A agricultura assume funções e valores diferenciados no âmbito das múltiplas atividades com os quais as populações se envolve no espaço urbano e peri-urbano. Porém, em situações adversas, como terreno de dimensões muito reduzidas, dificuldade de acesso a certos recursos naturais, ou endividamento, a adaptabilidade desses sistemas de produção é ameaçada. Além disso, a alteração das redes de circulação de plantas cultivadas, assim como das formas de transmissão dos conhecimentos indígenas põem em risco a conservação do patrimônio biológico e cultural envolvido na atividade agrícola (EMPERAIRE, 2000).

Agradecimentos

Ao Fundo Nacional do Meio Ambiente – FNMA e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC. A Dra. Laure Empereire pelas críticas e sugestões.

Literatura citada

ELOY, L. Entre ville et forêt : le futur de l'agriculture amérindienne en question - Transformations agraires en périphérie de São Gabriel da Cachoeira, Nord-ouest amazonien, Brésil. 2005. Tese (Doutorado em Geografia) - Université Paris 3.

EMPERAIRE, L. Entre la selva y la ciudad: estrategias de producción em el Rio Negro médio (Brasil). Bulletin Inst. Fr. Études Andines. v.29. n.2.p. 215-232, 2000.

INGOLD, T. The Perception of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill. London: Routledge, 2000.

MILLER, R.P.; e NAIR, P.K.R. Indigenous Agroforestry Systems in Amazonia: From Prehistory to Today. Agroforestry Systems, v.66, p.151-164, 2006.